Desejado por Jesus Cristo, torna-se este ministério o factor essencial da propagação dessa Igreja pelas nações e o mais habitual instrumento das suas conquistas.

Na primeira linha o clero, que constitui a hierarquia do exército de Cristo. Clero ilustrado por tantos bispos e sacerdotes santos, e tão gloriosamente honrado pela elevação do santo Cura de Ars às honras dos altares.

Ao lado deste clero oficial, surgiram, desde as origens do cristianismo, numerosas companhias de voluntários, verdadeiras milícias de escol, que são um dos fenómenos mais evidentes da vitalidade da Igreja.

Logo nos primeiros séculos, aparecem as Ordens contemplativas, que tanto contribuíram, com orações fervorosas e duras penitências, para a conversão dos gentios. Na Idade Média, surgem as Ordens dos pregadores, as Ordens mendicantes, as Ordens militares, as Ordens votadas à heróica missão de resgatar os cativos em poder dos infiéis. Enfim, os tempos modernos vêem nascer uma enorme quantidade de congregações e institutos dedicados às missões, às obras de caridade e ao ensino, cuja missão é espalhar o bem espiritual e corporal sob as mais diversas formas.

Por outro lado, em todas as épocas da sua história, a Igreja recebeu a preciosa colaboração dos simples fiéis, que, unindo-se em grupos de trabalho, sacrificam com entusiasmo o seu tempo, capacidades, fortuna, liberdade e, quantas vezes, o próprio sangue, para servir a nossa Mãe comum. Como é admirável e consolador o florescimento providencial de todas essas obras, que nascem no momento preciso e se adaptam maravilhosamente às circunstâncias! Nas necessidades novas, ou nos perigos, a Igreja viu aparecer sempre a instituição certa para a finalidade certa.

Para responder aos grandes males que afligem a nossa época, vemos surgir uma multidão de obras, que, ontem, ainda mal se conheciam: o catecismo de preparação para a primeira comunhão, o catecismo de perseverança, o catecismo para as crianças abandonadas, congregações, confrarias, reuniões e retiros para adultos e jovens, apostolados da oração, da imprensa e da caridade, as ligas para a santificação dominical, os patronatos, os círculos católicos, as obras militares, as escolas, etc., enfim,

todas as formas de apostolado, suscitadas por esse espírito que inflamava a alma de S. Paulo, ansiosa por difundir, em toda a parte, os benefícios do sangue de Cristo: "Quanto a mim, de muito boa vontade, darei o que é meu e dar-me-ei a mim mesmo pelas vossas almas" (2 Cor 12, 15).

Possam estas humildes páginas ajudar os heróicos combatentes que se expõem, pelo próprio exercício da sua nobre missão, ao perigo de perderem a sua vida interior, e que, por isso mesmo, podem ser tentados — perante os consequentes fracassos, aparentemente inexplicáveis, ou perante graves crises espirituais — a abandonarem a luta!

Os pensamentos contidos neste livro têm ajudado o autor destas linhas a preservar a sua vida interior no meio das obras. Queira Deus que eles possam ajudar esses apóstolos, poupando-lhes grandes desgostos, e orientando o seu zelo, de modo a compreenderem que o Deus das obras não deve ser abandonado pelas obras de Deus; e que o brado de São Paulo, "Ai de mim se não evangelizar!" (1 Cor 9, 16), não nos concede o direito de esquecer a inquietante pergunta de Jesus: "Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se vier a perder a sua alma?" (Mt 16, 26).

Os pais e mães de família, para quem a "Introdução à vida devota" de São Francisco de Sales não é um livro antiquado; os esposos cristãos, que se consideram obrigados — entre si e com os filhos — a um apostolado que cultive o amor e a imitação do Salvador, podem, igualmente, aplicar os ensinamentos destas modestas páginas. Poderão, assim, compreender que uma autêntica vida de piedade tornará mais eficazes os seus esforços e perfumará o seu lar com o espírito de Jesus Cristo, e com essa paz inalterável que, apesar das provações, há-de ser sempre o apanágio das famílias profundamente cristãs.

2. Deus quer que Jesus seja a vida das obras

A ciência proclama, e com razão, os seus imensos triunfos. Mas há uma coisa que nunca conseguirá: criar a vida, formar um grão de trigo ou uma larva no laboratório de um químico. Deus reserva para Si o poder de criar a vida.

Na ordem vegetal e animal, o Criador quis a contribuição dos seres

vivos, que colaboram, e podem interferir, no crescimento e multiplicação das espécies, embora a sua fecundidade se realize, sempre, dentro das condições estabelecidas por Deus. Porém, quanto à criação da alma racional, Ele reserva-a, unicamente, para Si.

Ora, existe um domínio no qual o Criador é ainda mais cioso: o domínio da vida sobrenatural. A Encarnação e a Redenção constituíram Jesus como fonte — e fonte única — dessa vida divina, na qual todos os homens são chamados a participar. A acção essencial da Igreja consiste em difundir essa vida por meio dos sacramentos, da oração, da pregação e de todas as suas obras.

Deus tudo faz por meio do seu Filho. "Todas as coisas foram feitas por Ele; e nada do que foi feito, foi feito sem Ele" (Jo 1, 3). Se isto é assim na ordem natural, quanto mais na ordem sobrenatural, pela qual Ele comunica aos homens a sua própria natureza, e os torna Filhos de Deus.

"Eu vim para que tenham Vida, e a tenham em abundância" (Jo 10, 10). "N'Ele estava a Vida, e a Vida era a luz dos homens" (Jo 1, 4). "Eu sou a Vida" (Jo 14, 6). Que precisão nestas palavras! Que luz na parábola da videira e dos sarmentos, onde o Mestre desenvolve esta verdade! Com que insistência procura Ele gravar no espírito dos seus Apóstolos este princípio fundamental: só Jesus é a vida; e esta consequência: para participar nessa Vida e comunicá-la aos outros, devemos ser *enxertados* no Homem-Deus!

Os homens chamados para transmitir às almas a vida divina devem, portanto, considerar-se como simples canais, por onde há-de circular essa vida, que eles só poderão receber da única fonte, que é Jesus.

Grosseiro erro teológico deixaria transparecer o apóstolo que ignorasse estes princípios, e julgasse poder produzir o mais pequeno vestígio de vida sobrenatural, sem a haurir, unicamente, em Jesus.

Desordem menor, mas também grave aos olhos de Deus, é a daquele, que, embora reconheça o Redentor como fonte da vida divina, esquece, na prática, esta verdade e só conta com as suas próprias forças.

Falamos aqui, somente, da desordem intelectual, que implica a negação de um princípio, ao qual devemos aderir em espírito e conformar a nossa conduta; e não da desordem moral do homem de obras, que reconhece o Salvador como fonte única da graça e espera d'Ele o êxito,

mas tem o coração em desacordo com o d'Ele, devido ao pecado ou à tibieza voluntária.

O Cardeal Mermillod qualificou como *heresia das obras* a atitude do apóstolo que, por esquecer o seu papel secundário e subordinado, espera o êxito do seu apostolado, unicamente da sua actividade pessoal e dos seus talentos.

"Heresia das obras"! A acção de Deus substituída pela actividade humana, orgulhosa e febril; a vida sobrenatural, o poder da oração, a economia da Redenção desprezadas ou esquecidas! Neste século de naturalismo é frequente encontrarmos pessoas de obras que procedem como se o êxito dependesse, principalmente, das suas engenhosas organizações. Na sua insensatez, parecem dizer: "Meu Deus, não levanteis obstáculos à minha empresa, não prejudiqueis o seu funcionamento, que eu encarrego-me de a levar a bom termo."

Deus confunde esses falsos apóstolos — que julgam poder comunicar a fé, a vida sobrenatural, a virtude, ou fazer cessar o pecado, sem atribuir esses efeitos, unicamente, ao sangue preciosíssimo de Cristo — e as suas obras de orgulho acabam por fracassar ou apenas provocam miragens efémeras.

Ressalvando tudo o que se opera nas almas *ex opere operato,* Deus nega ao apóstolo arrogante as suas melhores bênçãos, para reservá-las ao ramo que, humildemente, reconhece só poder haurir a sua seiva no tronco divino.

3. O que é a vida interior?

Quando empregamos as palavras vida de oração, contemplação, vida contemplativa — termos que se encontram nos Padres da Igreja e nos escolásticos — a nossa intenção é sempre designar a vida interior normal, acessível a todos, e não os estados pouco comuns de oração que a teologia mística estuda, e *a fortiori* êxtases, visões, arroubamentos, etc.

Sairíamos do nosso plano, se nos demorássemos num estudo de ascetismo. Limitamo-nos a recordar, em poucas palavras, o que todos os católicos devem aceitar como absolutamente certo, no que diz respeito ao governo da sua alma.

1ª verdade. A vida sobrenatural é a vida do próprio Jesus Cristo em mim, pela fé, pela esperança e pela caridade.

A presença de Nosso Senhor, por meio desta vida sobrenatural, não é a presença real, própria da sagrada comunhão, mas uma presença de acção vital, como pode ser, no corpo humano, a acção da cabeça ou do coração sobre os membros; acção íntima, que Deus, quase sempre, me oculta, tornando-a insensível às minhas faculdades naturais, para aumentar o mérito da minha fé; acção divina que deixa subsistir o meu livre arbítrio e utiliza as causas segundas — acontecimentos, pessoas e coisas — para me fazer conhecer a vontade de Deus e aumentar a minha participação na vida divina.

Esta vida, iniciada no Baptismo, pelo estado de graça; aperfeiçoada pela Confirmação; conservada e enriquecida pela Eucaristia, é a minha vida cristã.

2ª verdade. Jesus Cristo comunica-me o seu Espírito por meio desta vida, e torna-se, assim, o princípio superior que me leva — caso não Lhe ponha obstáculos — a pensar, julgar, amar, querer, sofrer e trabalhar com Ele, por Ele e n'Ele. As minhas acções exteriores tornam-se manifestações desta vida de Jesus em mim, e começo a realizar o ideal de vida interior formulado por S. Paulo: "Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim" (Gal 2, 20).

A vida cristã, a piedade, a vida interior, a santidade não diferem essencialmente entre si; são os diversos graus de um só e mesmo amor; são a aurora, a luz e o esplendor do mesmo sol.

A minha vida interior há-de ser, pois, a minha vida cristã aperfeiçoada. O essencial da vida cristã limita-se aos esforços necessários para conservar a graça santificante. A vida interior vai mais além. Visa o desenvolvimento desta graça, procura atrair graças actuais abundantes e corresponder a elas. Posso, assim, defini-la como o estado de actividade da alma que regula as suas inclinações naturais, e se esforça por adquirir o hábito de julgar e de se dirigir em tudo pela luz do Evangelho e os exemplos de Nosso Senhor.

Portanto, dois movimentos. Em virtude do primeiro, a alma subtrai-se a tudo quanto as criaturas possam ter de contrário à vida sobre-

natural, e procura estar incessantemente presente a si mesma: *Aversio a creaturis*. Em virtude do segundo, a alma tende para Deus e com Ele se une: *Conversio ad Deum.*

Assim é que a alma quer ser fiel à graça que Nosso Senhor lhe oferece a cada momento. Em suma, vive unida a Jesus e realiza a sua vontade: "O que permanece em Mim, e Eu nele, esse dá muito fruto; porque sem Mim nada podeis fazer" (Jo 15, 5).

3ª verdade. Privar-me-ia de um dos mais poderosos meios de adquirir esta vida interior, se me não esforçasse por ter fé precisa e sólida nesta presença activa de Jesus em mim, e, sobretudo, por alcançar que essa presença se torne em mim uma realidade viva, vivíssima até, que vá penetrando, cada vez mais, a atmosfera das minhas faculdades. Jesus tornar-se-á, assim, a minha luz, o meu ideal, o meu conselho, o meu apoio, o meu recurso, a minha força, o meu médico, a minha consolação, a minha alegria, o meu amor, numa palavra a minha vida. Adquirirei, deste modo, todas as virtudes. Somente então poderei dizer, com toda a sinceridade, a admirável oração de S. Boaventura, que a Igreja aconselha como acção de graças depois da missa: "Feri, dulcíssimo Jesus, o mais íntimo e profundo do meu ser com o dardo suavíssimo e salutar do vosso amor..."

4ª verdade. A minha vida sobrenatural pode crescer, a cada instante, em proporção com a intensidade do meu amor a Deus, por meio de nova infusão da graça da presença activa de Jesus em mim. Tal infusão é produzida através dos **actos meritórios** (virtude, trabalho, sofrimentos, oração, Missa, etc.) e pelos **sacramentos**, sobretudo a Eucaristia.

É pois certo — e esta consequência esmaga-me com a sua grandeza, mas também me enche de júbilo — que por meio de cada pessoa ou acontecimento, Jesus manifesta-se a mim, ocultando, sob essas aparências, a sua sabedoria e amor.

É sempre Jesus que se apresenta à minha alma, por meio da **graça do momento presente** — Missa, oração, leitura, actos de caridade, de renúncia, de luta, de confiança — solicitando sempre a minha cooperação para aumentar em mim a sua vida. Ousarei esconder-me?

5ª verdade. A tríplice concupiscência, causada pelo pecado original, e aumentada por cada pecado actual, gera em mim elementos de morte opostos à vida de Jesus. Ora, essas inclinações e tentações diminuem esta vida e podem chegar a suprimi-la. Mas, se a minha vontade resistir, elas não lhe causarão qualquer prejuízo. Pelo contrário, contribuirão, como qualquer elemento de combate espiritual, para aumentá-la, conforme a medida do meu esforço. Minha parte

6ª verdade. Sem o emprego fiel de certos meios, a inteligência obscurece-se e a vontade torna-se fraca para cooperar com Jesus no aumento e conservação da sua vida em mim. A diminuição dessa vida produz a tibieza da vontade.[2] A dissipação, a cobardia, a ilusão, fazem-me cair nos pecados veniais. E estes põem em risco a minha salvação, porque dispõe a minha alma para o pecado mortal.

Se tiver a infelicidade de cair nesta tibieza (e *a fortiori* se ainda cair mais baixo), devo tentar tudo para dela sair, reavivando o meu **temor de Deus,** pondo-me em presença do meu fim, da morte, dos juízos de Deus, do inferno, da eternidade, do pecado, etc., e reacendendo o meu **amor a Jesus**, pela consideração das suas chagas, da sua paixão e morte na cruz. Irei em espírito ao Calvário, onde me prostrarei aos pés sacratíssimos do Redentor, a fim de que o seu sangue vivo, correndo pela minha cabeça e pelo meu coração, dissipe a cegueira e o gelo da minha alma e galvanize a minha vontade.

---

2) Esta tibieza é diferente da secura ou repugnância que, às vezes, mesmo sem culpa, sentem os fervorosos. Os pecados veniais que escapam à fragilidade e são combatidos e imediatamente detestados, apenas cometidos, também não manifestam a *tibieza da vontade.* A alma tíbia tem duas vontades diversas, boa uma e má a outra; uma ardente e a outra fria. Por um lado, quer a salvação e por isso evita os pecados mortais; por outro lado, não quer as exigências do amor de Deus e prefere uma vida livre e fácil, cometendo pecados veniais deliberados... Quando a tibieza não é combatida, o facto mesmo de o não ser mostra que na alma existe má vontade, não total, mas parcial; isto é, que há uma parte da vontade que diz a Deus: "Neste ou naquele ponto, não quero deixar de Vos desagradar." (P. Achille Desurmont, C.SS. R. *Le retour continuel à Dieu, par la vraie oraison et la vraie pénitence,* Nancy, 1884).

7ª verdade. Se a minha sede de viver de Jesus deixar de aumentar, é porque não possuo o grau de **vida interior** que Ele exige de mim. Tal sede há-de dar-me o desejo de Lhe agradar em tudo e o temor de Lhe desagradar. Também é indispensável o mínimo de **recolhimento**, que me permita, no decurso das ocupações, conservar o coração numa pureza e generosidade suficientemente grandes para não ser abafada a voz de Jesus. Ora, essa sede diminuirá, certamente, se não puser em prática certos meios: oração da manhã, vida litúrgica, sacramentos, comunhões espirituais, exame de consciência, leitura espiritual, etc., ou se, por culpa minha, esses meios já nada me dizem.

Sem vida interior e recolhimento, os pecados veniais hão-de multiplicar-se na minha vida, e chegarei a não fazer caso deles. Para os ocultar e enganar-me a mim mesmo, servirão as aparências de piedade, o zelo pelas obras, etc..

8ª verdade. A minha vida interior será o que for a minha **guarda do coração**: "Aplica-te com todo o cuidado possível à guarda do teu coração, porque dele é que procede a vida" (Prov 4, 23).

Esta guarda do coração é a solicitude em preservar todos os meus actos, de tudo o que pode viciar a sua causa motriz ou a sua prática. Solicitude tranquila, natural, mas também enérgica, pois baseia-se no recurso filial a Deus.

É trabalho mais do coração e da vontade que do espírito, o qual deve ficar livre para a prática dos seus deveres. Longe de embaraçar a acção, a guarda do coração aperfeiçoa-a, regulando-a pelo espírito de Deus e acomodando-a aos deveres de estado.

Este exercício pratica-se a todo o momento. É uma observação, por meio do coração, das acções presentes e das diversas partes de cada acção, à medida em que elas se realizam. É a observância exacta do *age quod agis*. Como sentinela vigilante, a alma observa, atentamente, os movimentos do seu coração, e vigia as suas inclinações, as paixões, as palavras e as acções.

A guarda do coração exige certo recolhimento; uma alma dissipada não consegue realizá-la. Mas com a sua prática frequente, adquire-se o hábito.

Para onde vou? Que faria Jesus em meu lugar? O que me aconselharia? Que exige Ele de mim neste momento? Tais são as interrogações que, espontaneamente, se apresentam à alma sedenta de vida interior.

Para a alma que vai a Jesus, por meio de Maria, a guarda do coração reveste-se de um carácter ainda mais afectivo, e o recurso a esta boa Mãe torna-se verdadeira necessidade para o seu coração.

9ª verdade. Quando uma alma procura imitar Jesus, em tudo e com todo o afecto, Ele reina nela. Nesta imitação há dois graus: 1º A alma esforça-se por se tornar indiferente às criaturas, consideradas em si mesmas, quer sejam conformes quer contrárias aos seus gostos. A exemplo de Jesus, apenas procura a vontade de Deus: "Eu desci do céu, não para fazer a minha vontade, mas a d'Aquele que Me enviou" (Jo 6, 38). 2º "Jesus Cristo não procurou o que lhe era agradável" (Rom 15, 3). A alma inclina-se de melhor vontade para o que a contraria e repugna à natureza. Realiza então o *agere contra* (agir contra) de que fala Santo Inácio na sua célebre meditação do Reino de Cristo. É a acção contra a natureza, a fim de se preferir o que imita a pobreza do Salvador e o seu amor pelos sofrimentos e pelas humilhações. Segundo a expressão de S. Paulo, é, então, que a alma conhece, verdadeiramente, a Cristo (Ef 4, 20).

10ª verdade. Seja qual for o meu estado, Jesus oferece-me, caso queira rezar e corresponder à sua graça, todos os meios de regressar à vida interior. Então, a minha alma não cessará de possuir a alegria, mesmo até no seio das provações, e nela se realizarão as palavras de Isaías: "Então a tua luz surgirá como a aurora, e as tuas feridas não tardarão a cicatrizar-se; a tua justiça irá adiante de ti, e a glória do Senhor atrás de ti. Então invocarás o Senhor e Ele te atenderá; clamarás e Ele dirá: Eis-me aqui! (...) O Senhor te guiará constantemente, saciará a tua alma no árido deserto, dará vigor aos teus ossos e serás como um jardim bem regado, como uma fonte de águas inesgotáveis" (Is 58, 8-9-11).

11ª verdade. Deus quer que eu me santifique e me dedique às obras de apostolado. Devo, pois, gravar na minha alma esta convicção: Jesus quer ser a vida dessas obras. Os meus esforços, por si sós, nada

são: "Sem Mim, **nada** podeis fazer" (Jo 15, 5). Somente serão úteis e abençoados por Deus, quando, por meio da verdadeira vida interior, estiverem unidos à acção vivificadora de Jesus. Tornar-se-ão, assim, **omnipotentes**: "Tudo posso n'Aquele que me conforta" (Fil 4, 13). Se proviessem da confiança orgulhosa nos meus talentos, seriam rejeitados por Deus. Porventura não seria sacrílega loucura da minha parte querer arrebatar a Deus, para com ela me adornar, uma porção da sua glória?

Longe de gerar em mim a pusilanimidade, tal convicção será a minha força. Sentirei a necessidade da oração para obter a humildade, que é um tesouro para a minha alma, a certeza do auxílio de Deus e o penhor do êxito para as minhas obras!

Compenetrado da importância deste princípio, farei, durante os meus retiros, um sério exame de consciência para saber: se estou convicto da nulidade da minha acção, e da sua força, quando unida à acção de Jesus; se excluo, implacavelmente, qualquer vaidade, qualquer auto-contemplação, na minha vida de apóstolo; se me mantenho numa desconfiança absoluta de mim mesmo; e se peço a Deus que dê vida às minhas obras e me preserve do orgulho, primeiro e principal obstáculo para receber o seu auxílio.

Este credo da vida interior, tornado a base da existência para a alma, assegura-lhe, já neste mundo, uma participação da felicidade celeste.

Vida interior, vida dos predestinados.

Corresponde ao fim que Deus se propôs ao criar-nos.[3]

Corresponde ao fim da Encarnação: "Deus enviou o seu Filho unigénito ao mundo, para que nós vivamos por Ele" (1 Jo 4, 9).

"O fim da criatura humana — diz S. Tomás — é unir-se a Deus: toda a sua felicidade consiste nisso". Ao contrário das alegrias do mundo, se nessa vida há espinhos exteriores, dentro há rosas. "Devemos lamentar os pobres mundanos — dizia o santo cura d'Ars — pesa-lhes sobre os ombros um manto forrado de espinhos; não podem fazer um movimento sem se picarem; ao passo que os verdadeiros cristãos têm

um manto forrado de arminho". "Vêem a cruz, mas não vêem a unção", dizia São Bernardo.

Estado celeste! A alma torna-se um céu vivo.[4]

Como Santa Margarida Maria, ela canta:

"Possuo constantemente,
Acompanhando os passos meus,
O Deus do meu coração
E o coração do meu Deus".

É o começo da bem-aventurança[5]. A graça é o céu na terra.

4. Esta vida interior é muito pouco conhecida

São Gregório Magno, tão hábil administrador e ardoroso apóstolo como grande contemplativo, falando de São Bento —que, em Subiaco, lançava os fundamentos da sua Regra, tornada uma das mais poderosas alavancas de apostolado de que Deus se tem servido na terra— caracteriza, em três palavras, o estado de alma do patriarca dos monges do Ocidente: "vivia consigo mesmo".

Da maioria dos nossos contemporâneos, podemos dizer, precisamente, o contrário.

Viver consigo mesmo; não se deixar governar pelas coisas exteriores; reduzir a imaginação, a sensibilidade, a inteligência e a memória ao papel de servas da vontade. Conformar, constantemente, esta vontade com a vontade de Deus, é um programa que se vai aceitando cada vez menos, neste século de agitação, que viu nascer um ideal novo: o amor da acção pela acção.

Para frustrar a disciplina das faculdades, serve qualquer pretexto: negócios, família, saúde, fama, amor da pátria, prestígio da corporação, pretensa glória de Deus; tudo nos fascina e nos impede de viver em nós mesmos.

Surpreende, pois, que a vida interior seja desconhecida?

Desconhecida, é ainda dizer pouco; essa vida é amiúde desprezada e ridicularizada, até por aqueles mesmos que mais deveriam apreciá-la. Veja-se a memorável carta dirigida por Leão XIII ao Cardeal Gibbons, arcebispo de Baltimore, em que adverte os partidários do *americanismo* para o perigo da admiração excessiva pelas obras.

Para furtar-se aos trabalhos da vida interior, certos homens da Igreja chegam a menosprezar a vida eucarística. Relegam para segundo plano o essencial. Para eles, a igreja não é ainda um templo protestante; o sacrário não está ainda vazio. Mas a vida eucarística, na sua opinião, quase não pode adaptar-se, nem sobretudo bastar, às exigências da civilização moderna; e a vida interior que, necessariamente, promana da vida eucarística, já passou da moda.

Para as numerosas pessoas imbuídas dessas teorias, a comunhão perdeu o sentido que teve para os primeiros cristãos. Acreditam na Eucaristia, mas não a consideram o centro da sua vida e das suas obras. Consideram a vida interior uma prática medieval ultrapassada.

Realmente, ao ouvi-los falar das suas obras, seríamos levados a pensar que o Omnipotente — que criou os mundos sem esforço algum e perante quem o universo inteiro se reduz a poeira e nada — não pode prescindir da sua colaboração! Ao prestarem tanto culto à acção, chegam a fazer dela uma espécie de dogma, que os leva a entregarem-se, desenfreadamente, a uma vida fora de si mesmos. A Igreja, a diocese, a paróquia, a congregação, a obra, carecem dos meus serviços... Gostariam até de dizer: Deus precisa de mim! E, se não ousam dizê-lo, a sua presunção e falta de fé, leva-os a pensar assim.

Os médicos prescrevem, por vezes, aos depressivos que se abstenham de todos os trabalhos, por algum tempo. Remédio duro, porque essa doença provoca precisamente uma excitação febril, que impele a pessoa a gastar forças e procurar comoções, que só lhe agravam o mal.

Assim sucede, precisamente, a certos homens de obras em relação à vida interior. Sentem repugnância por ela, embora ela seja o remédio dos seus males. Preferem atordoar-se, cada vez mais, numa avalanche de trabalhos, e afastam, desse modo, as possibilidades de cura.

O navio avança a todo o vapor, enquanto o piloto admira a velo-

cidade da marcha. Para Deus, no entanto, esse navio, por falta de um comandante prudente, corre à deriva e corre o perigo de naufragar. Adoradores em espírito e verdade, eis o que Nosso Senhor exige, antes de mais. Iludem-se os que pensam que contribuem para a maior glória de Deus, tendo em vista, principalmente, os resultados exteriores.

Este estado de espírito explica o facto de, hoje, ainda serem aceites as escolas, os dispensários, as missões, os hospitais, e, pelo contrário, se compreender cada vez menos os mosteiros contemplativos. Muitos não se contentam apenas em chamar covardes e iluminados os que se consagram à oração e penitência na solidão dos claustros, mas até ridiculizam aqueles que roubam alguns instantes às suas ocupações, para purificar e inflamar o seu zelo junto do sacrário, e obter do Hóspede divino maiores e melhores resultados para os seus trabalhos.

5. Resposta a uma primeira objecção: É ociosa a vida interior?

Este livro dirige-se, apenas, aos apóstolos que trabalham pela salvação das almas, mas que correm o risco de negligenciar a vida interior e prejudicar, assim, os frutos das suas obras.

Estimular os apóstolos que prestam culto ao repouso; ou os que confundem ociosidade com meio de favorecer a piedade; sacudir a indiferença dos indolentes e egoístas, que só aceitam as obras se estas não lhes perturbarem a tranquilidade: tal não é o nosso fito. Essa tarefa exigiria uma obra especial. Deixamos a outros o cuidado de chamarem à responsabilidade as almas apáticas, que Deus queria activas, mas que o demónio e a natureza tornam infecundas, por falta de zelo e de actividade.

Voltemos, pois, àqueles para quem, especialmente, escrevemos.

Nenhuma comparação pode exprimir bem a intensidade infinita de actividade que existe no seio de Deus. A vida interior do Pai é tal, que ela gera uma Pessoa divina. Da vida interior do Pai e do Filho procede o Espírito Santo.

A vida interior comunicada aos Apóstolos no Cenáculo inflamou o seu zelo.

A vida de oração é sempre, em si mesma, uma incomparável fonte de actividade. Nada mais falso do que ver nela uma espécie de oásis,

a servir de refúgio para os preguiçosos. Basta ser o caminho que, mais directamente, conduz ao reino dos céus, para que o texto: "O reino dos céus sofre violência, e os que fazem violência são os que o arrebatam" (Mt 9, 12), lhe deva ser especialmente aplicado.

D. Sebastião Wyart — que conheceu bem os trabalhos do asceta e as canseiras da vida militar, o estudo esgotante e as duras responsabilidades de superior — costumava dizer que há três espécies de trabalhos:

1° O trabalho, quase exclusivamente físico, daqueles que exercem uma profissão manual: lavrador, operário, artista, soldado, etc. Este trabalho, afirmava ele, é o menos rude dos três;

2° O trabalho do intelectual e do sábio, procurando, por vezes tão arduamente, a verdade; o trabalho do escritor e do professor, que envidam todos os esforços para fazer penetrar noutras inteligências essa mesma verdade; o trabalho do diplomata, do negociante, do engenheiro, etc.; o esforço intelectual do general, para prever os combates, dirigir e decidir. Estes trabalhos, diz ele, são muito mais penosos que o primeiro

3° Enfim, o trabalho da vida interior. É, sem dúvida, o mais duro dos três, quando tomado a sério.[6] Mas é, também, o que nos oferece maior número de consolações neste mundo. É, igualmente, o mais importante. Constitui não já a profissão do homem, mas o próprio homem. Quantos se afanam, nos dois primeiros géneros de trabalhos, para alcançarem a fortuna e o êxito, mas não passam de uns preguiçosos e covardes, quando se trata do trabalho para a virtude!

Quem quiser obter a vida interior deve esforçar-se por adquirir domínio completo sobre si próprio, para que todas as suas acções redundem em glória de Deus. Procurará conservar-se sempre unido a Jesus Cristo, com os olhos fitos na meta a atingir e pesando tudo à luz do Evangelho. "Para onde e a quem irei?", repete, com Santo Inácio. Tudo nele — inteligência, vontade, memória, sensibilidade, imaginação e sentidos — dependerá de um princípio. Mas quanto trabalho custa chegar a este resultado! Quer se mortifique ou se entregue a um recreio lícito, quer reflicta ou actue, quer trabalhe ou descanse, quer ame o bem ou rejeite

o mal, deseje ou tema, esteja alegre ou triste, com esperança ou temor, indignado ou tranquilo, mantém sempre o leme na direcção da plena vontade divina. Na oração, sobretudo junto da Eucaristia, isola-se dos objectos visíveis, a fim de chegar a falar com Deus invisível como se O estivesse a ver.[7] No decurso dos seus trabalhos apostólicos, procura realizar este ideal, que São Paulo admirava em Moisés.

Adversidades da vida, tormentas suscitadas pelas paixões, nada logra desviá-lo da linha de conduta que se impôs. Se, porventura, fraqueja um momento, depressa recobra ânimo e continua, com mais vigor, o seu caminho ascensional.

Não é difícil compreender que Deus recompense, já neste mundo, com alegrias especiais, quem não recua perante este esforço.

Às vezes, preferimos passar longas horas numa ocupação fatigante do que meia hora a fazer uma oração bem feita, a assistir à Missa, ou a rezar o ofício.[8] O Padre Faber verifica, com tristeza, que, para alguns, "o quarto de hora que se segue à Comunhão é o quarto de hora mais enfadonho do dia". Tratando-se de um breve retiro de três dias, quanta relutância para outros! Separar-se por três dias da vida fácil, embora ocupadíssima, para viver uma vida plenamente sobrenatural; contemplar tudo, durante esse período, somente à luz da fé; esquecer tudo, para somente aspirar a Jesus e à sua vida; analisar, implacavelmente, a nossa alma, para descobrir todas as suas fraquezas e doenças: eis uma perspectiva que faz recuar grande número de pessoas, prontas, todavia, para grandes fadigas em trabalhos puramente naturais.

E se três dias, assim ocupados, já parecem tão penosos, que pensar de uma vida inteira gradualmente submetida ao regime da vida interior? E ainda há quem tenha a coragem de dizer que os religiosos de vida contemplativa são ociosos!

---

7) "Mostrando-se firme como se contemplasse o Invisível" (Heb 11, 27).

8) Palavras de D. Festugière O.S.B.: "Sejam quais forem as dificuldades da vida activa, só os inexperientes é que ousam negar as provações da vida interior. Muitos activos, apesar de sinceramente piedosos, confessam que, muitas vezes, o que mais lhes custa na vida, não é a acção, mas a parte obrigatória da oração. Quando chega o momento da acção sentem-se como que aliviados."

É bem certo que, neste trabalho de desprendimento, a graça torna o jugo suave e o fardo leve. Mas quantos esforços são necessários para a alma! É sempre penoso o regresso ao caminho recto e a volta ao ideal de São Paulo: "A nossa conversação está no céu" (Fil 3, 20). São Tomás explica isto perfeitamente: "O homem — diz ele — está colocado entre as coisas deste mundo e os bens espirituais, nos quais reside a felicidade eterna. Quanto mais adere a uns, tanto mais se afasta dos outros, e vice versa".[9] Numa balança, se um dos pratos desce, o outro eleva-se na mesma medida. O pecado original, tendo transtornado a economia do nosso ser, tornou penoso este duplo movimento de adesão e afastamento. Desde então, para restabelecer e conservar a ordem neste "pequeno mundo" que é o homem, é indispensável a vida interior, obtida com trabalho e sacrifício. É como um edifício desmoronado que se trata de reconstruir e, em seguida, preservar de nova ruína.

Arrancar aos pensamentos da terra, pela vigilância, renúncia e mortificação, este "coração endurecido" (Sl 4, 3) com todo o peso da natureza corrompida; tornar o nosso carácter semelhante ao de Nosso Senhor, pelo combate à dissipação, ao arrebatamento, à auto-complacência, às manifestações de orgulho, ao naturalismo, ao egoísmo, à falta de bondade, etc.; renunciar aos prazeres sensíveis com a esperança da felicidade espiritual, que somente se desfrutará após longa expectativa; desapegar-se de tudo quanto é susceptível de lhe fazer amar o mundo e fazer de tudo isso um holocausto sem reserva..., que tarefa!

E isto é só a **parte negativa** da vida interior. Depois deste combate sem tréguas contra um inimigo sempre prestes a renascer — combate que fazia gemer São Paulo[10] e que o Padre De Ravignan exprimia assim: "Procurais o que fiz durante o meu noviciado? Éramos dois, atirei um pela janela fora e fiquei eu sozinho" — é necessário proteger, contra as mínimas quedas, um coração já purificado pela penitência, que deseja

---

9) São Tomás de Aquino, *Suma Teológica*, 1a 2ae, q. 108, a. 4.

10) "Sinto prazer na lei de Deus, de acordo com o homem interior. Mas vejo outra lei nos meus membros a lutar contra a lei da minha razão e a reter-me cativo na lei do pecado, que se encontra nos meus membros. Que desditoso homem que eu sou! Quem me há-de libertar deste corpo de morte?" (Rom 7, 22-24).

agora, ardentemente, reparar os ultrajes feitos a Deus, imitar as virtudes de Jesus Cristo, e adquirir confiança absoluta na Providência; é este o **lado positivo** da vida interior. Quem não advinha o campo ilimitado de trabalho que aqui se patenteia![11]

Trabalho íntimo, assíduo, constante. E, no entanto, precisamente por meio deste trabalho, a alma adquire maravilhosa facilidade e surpreendente rapidez de execução nos trabalhos apostólicos. Só a vida interior possui este segredo.

As obras imensas levadas a cabo por Santo Agostinho, São João Crisóstomo, São Bernardo, São Tomás de Aquino, São Vicente de Paulo, e tantos outros santos, causam-nos assombro. Este assombro cresce quando vemos esses homens, apesar dos trabalhos incessantes, das preocupações, ou da falta de saúde, manterem-se na mais constante união com Deus. Apagando a sua sêde na Fonte da Vida, pela contemplação, esses santos hauriam nela a sua inesgotável capacidade de trabalho.

Um dos nossos grandes bispos, sobrecarregado de afazeres, aconselhou certa vez um estadista, também ele muito atarefado, que lhe perguntara o segredo da sua serenidade e dos resultados admiráveis das suas obras: "A todas as suas ocupações, meu caro amigo, acrescente meia hora de meditação todas as manhãs. Conseguirá despachar todos os assuntos e encontrará tempo para realizar ainda mais."

Enfim, o santo rei Luís IX encontrava, nas oito ou nove horas que habitualmente consagrava aos exercícios da vida interior, o segredo e a força para se dedicar aos negócios de Estado e ao bem dos seus súbditos, com tanta solicitude que — conforme chegou a confessar um orador socialista — nunca em França se fez tanto a favor das classes operárias como sob o reinado daquele príncipe.

6. Resposta a uma segunda objecção: É egoísta a vida interior?

É falsa a piedade daqueles que fazem consistir a vida interior numa

---

11) "(O homem pode viver) de outro modo, quando se une totalmente às coisas divinas. Desta forma, coloca-se acima do homem" (São Tomás de Aquino, *Suma Teológica*, 2a 2ae, q. 188, a. 8. ad. 5).

ociosidade agradável e preguiçosa, e que procuram as consolações de Deus, mais do que o Deus das consolações. Contudo, está, igualmente, errado quem considera egoísta a vida interior.

Já dissemos que esta vida é a fonte pura das mais generosas obras de caridade, que visa o alívio dos sofrimentos deste mundo e o bem das almas. Examinemos a utilidade desta vida sob outro ponto de vista.

Seria verdadeira blasfémia chamar egoísta e estéril a vida interior de Nossa Senhora e de São José! Contudo, nenhuma obra exterior lhes é atribuída. A irradiação sobre o mundo da sua intensíssima vida interior, os frutos das suas orações e sacrifícios bastaram para constituir Maria, Rainha dos Apóstolos, e José, Padroeiro da Igreja Católica.

"A minha irmã deixa-me sozinha a servir" (Lc 10, 40), diz, servindo-se das palavras de Marta, o apóstolo vaidoso com o resultado das suas obras exteriores. A sua fatuidade não chega ao extremo de julgar que Deus precisa, absolutamente, dele. Todavia, incapaz de apreciar a excelência da contemplação de Madalena, repete ainda com Marta: "Diz-lhe, pois, que me venha ajudar!" (Lc 10, 40) e chega até a exclamar: "Para que foi este desperdício?" (Mt 26, 8), considerando, como tal, o tempo que outros apóstolos reservam à vida interior na presença de Deus.

"Eu santifico-me por eles, a fim de que eles sejam também santificados na verdade" (Jo 17, 19), responde a alma que compreendeu todo o alcance deste "a fim de", do Mestre: e, conhecendo o valor da oração e do sacrifício, une às lágrimas e ao sangue do Redentor as lágrimas dos seus olhos e o sangue de um coração que cada dia se vai purificando mais.

Com Jesus, a alma interior ouve o alarido dos crimes do mundo subir até ao céu e atrair sobre os seus autores o castigo, mas suspende esse castigo, pela omnipotência da sua súplica, capaz de deter a própria mão de Deus.

Aqueles que rezam, dizia, depois da sua conversão, o eminente estadista Donoso Cortés, fazem mais pelo mundo do que aqueles que combatem, e, se o mundo está cada vez pior, é porque há mais batalhas que orações.

"As mãos erguidas — diz Bossuet — desbaratam mais batalhões do que as mãos que ferem." E, no meio dos seus desertos, os solitários da Tebaida tinham, muitas vezes, no coração o mesmo fogo que animava

São Francisco Xavier. Pareciam, diz Santo Agostinho, ter abandonado o mundo mais do que seria razoável. Contudo, as suas orações, tornadas mais puras por esse grande afastamento do mundo, eram de uma eficácia incomparável para esse mesmo mundo que eles tinham abandonado.

Normalmente, uma oração curta, mas fervorosa, contribui mais para apressar uma conversão, do que longas discussões e excelentes discursos. Quem reza, trata com a Causa primeira; opera, directamente, sobre Ela; tem, assim, na mão as causas segundas, cuja eficácia depende desse princípio superior. Por isso, o efeito desejado é, então, obtido com maior segurança e rapidez.

Dez mil protestantes — no dizer de uma revelação respeitável — foram convertidos por uma só oração inflamada da seráfica Santa Teresa. Ardendo em amor de Cristo, ela não podia compreender uma vida contemplativa, uma vida interior que não participasse no desejo ardente do Salvador pela redenção das almas. "Aceitaria o purgatório — diz ela — até ao juízo final, para livrar uma só dessas almas. E que me importaria a duração dos meus sofrimentos, se assim pudesse livrar uma só alma, e sobretudo muitas, para a maior glória de Deus!" E dirigindo-se às suas religiosas: "Encaminhai, para este fim inteiramente apostólico, minhas filhas, as vossas orações, as vossas disciplinas, os vossos jejuns, os vossos desejos".

Tal é, com efeito, a obra das carmelitas, das trapistas, das visitandinas e das clarissas. Vêde-as acompanhar com fervorosas orações e penitências a caminhada dos apóstolos. O seu amor oculto, mas activo, abre por toda a parte, no mundo dos pecadores, os caminhos da misericórdia.

Ninguém conhece neste mundo o porquê dessas conversões longínquas de pagãos, da paciência heróica dos cristãos perseguidos, da alegria celeste dos missionários martirizados. Tudo isso pode estar, invisivelmente, ligado à oração de uma despretensiosa freira.[12] Com os dedos sobre o teclado dos perdões divinos e das luzes eternas, a sua

---

12) **N.T.** Vale a pena lembrar aqui, neste sentido, o exemplo admirável dado pela humilde religiosa contemplativa que foi Santa Teresinha do Menino Jesus, padroeira das Missões. No silêncio do claustro, ela rezava e sofria pelos missionários que, na longínqua Cochinchina e não só, obtinham a conversão de incontáveis pagãos.

alma silenciosa e solitária preside à salvação das almas e às conquistas da Igreja em toda a extensão da Terra.

"Quero trapistas neste vicariato apostólico — dizia Mons. Favier, bispo de Pequim — desejo até que eles se abstenham de qualquer ministério exterior, a fim de que nada os distraia do trabalho, da oração, da penitência e dos santos estudos. Porque sei que será grande o auxílio prestado aos missionários pela existência de um fervoroso mosteiro de contemplativos no meio dos nossos pobres chineses." E mais tarde: "Conseguimos, por fim, penetrar numa região até hoje inacessível. Atribuo este facto aos nossos queridos trapistas."

"Dez carmelitas a rezar, dizia um bispo da Cochinchina ao governador de Saigão, auxiliar-me-ão muito mais do que vinte missionários a pregar."

Os padres diocesanos, os religiosos e religiosas votados à vida activa, mas sem perder a vida interior, participam do mesmo poder sobre o coração de Deus que têm as almas do claustro. São João Bosco é, disso, um frisante exemplo. A bem-aventurada Ana Maria Taigi, nas suas funções de porteira e dona de casa, e tantos outros leigos humildes, mas abrasados no mesmo ardor, foram eficacíssimos nas suas obras, porque possuíam uma intensa vida interior. E o general de Sonis, entre duas batalhas, encontrava na união com Deus o segredo do seu apostolado.

Egoísta e estéril a vida de um Santo Cura d'Ars? Tal pergunta nem merece resposta. Todas as pessoas rectas que o conheceram atribuem, precisamente, o seu extraordinário zelo apostólico e os seus enormes êxitos à sua grande intimidade com Deus. Tão contemplativo como um monge cartuxo, embora com poucos dotes intelectuais, sentia uma sêde de almas, que a vida interior tornara inextinguível, e recebeu de Nosso Senhor o poder de operar grandes conversões.

Infecunda, a sua vida interior? Suponhamos um São João Baptista Vianney em cada uma das nossas dioceses, e, em menos de dez anos, a França estaria regenerada, mais profundamente do que por multidões de obras — com grandes recursos humanos, talentos e dinheiro — mas insuficientemente edificadas sobre a vida interior.

Não tenhamos dúvidas, a reconstrução da França, após a Revolução, deve-se atribuir a uma plêiade de sacerdotes amadurecidos na

vida interior, pela perseguição. Por meio deles, uma corrente de vida divina veio reanimar uma geração que a apostasia e a indiferença pareciam ter votado a uma morte que nenhum esforço humano lograria conjurar. Talvez em nenhuma outra época tenha havido tantas almas tão ardentemente desejosas de viver unidas ao Coração de Jesus e de dilatar o seu reinado, fazendo germinar à sua volta a vida interior. Dir-se-á: essas almas de escol são ínfima minoria. Talvez. Mas que importa o número, se houver intensidade? Após cinquenta anos de liberdade de ensino em França, após esse meio século, que viu a eclosão de obras inumeráveis e durante o qual nos passou pelas mãos toda a juventude francesa e lográmos o apoio quase completo dos governantes, qual a razão por que, a despeito de resultados aparentemente gloriosos, não pudemos formar uma maioria profundamente cristã, capaz de restaurar a verdadeira França?

A decadência da vida litúrgica e o esmorecimento da sua irradiação sobre os fiéis contribuíram, certamente, para esta impotência. A nossa espiritualidade tornou-se acanhada, árida, exterior e sentimental, e já não possui a vitalidade cristã e o entusiasmo que a liturgia produz.

Mas não existirá outra causa no facto de nós, padres e educadores, por falta de intensa vida interior, termos formado almas de piedade superficial, sem grandes ideais, nem convicções profundas? Professores, não termos procurado mais o êxito das carreiras e o prestígio das obras, do que dar às almas sólida instrução religiosa? Não termos descurado a formação das vontades, para gravar nelas, em caracteres de rija têmpera, a imagem de Jesus Cristo? E essa mediocridade não resultará da banalidade da nossa vida interior?

A sacerdote santo — houve quem dissesse — corresponde um povo fervoroso; a sacerdote fervoroso, um povo piedoso; a sacerdote piedoso, um povo honesto; a sacerdote honesto, um povo ímpio. Sempre um grau de vida a menos, naqueles que são gerados. Seria talvez exagero admitir esta proposição. Julgamos, contudo, que as seguintes palavras de Santo Afonso Maria de Ligório explicam bem a actual situação:

"Os bons costumes e a salvação dos povos dependem dos bons pastores. Se, à frente de uma paróquia, estiver um bom pároco, depressa nela se verá florescer a devoção, os sacramentos serão frequentados,

a oração mental praticada. Daí o provérbio: 'Tal padre, tal paróquia', segundo esta palavra do Eclesiástico (10, 2): 'Qual o governador da cidade, tais os seus habitantes'".

7. Objecção decorrente da importância da salvação das almas

Mas, dirá a alma exterior à procura de pretextos contra a vida interior: Como posso limitar as minhas obras apostólicas? Tratando-se da salvação das almas, todos os esforços são poucos. Quem trabalha, reza. O sacrifício avantaja-se à oração. E São Gregório não chama ao zelo das almas o mais agradável sacrifício que se pode oferecer a Deus? "Nenhum sacrifício é mais agradável a Deus do que o cuidado das almas".[13]

Analisemos primeiramente o sentido desta frase de São Gregório, servindo-nos das palavras do doutor angélico. "Oferecer espiritualmente um sacrifício a Deus — diz ele — é oferecer-lhe alguma coisa que o glorifique. Ora, de todos os bens, o mais agradável que o homem pode oferecer ao Senhor é, indubitavelmente, a salvação de uma alma. Mas antes de tudo, deve oferecer-Lhe a sua própria alma, segundo o que diz a Escritura: 'Quereis agradar a Deus, tende piedade da vossa alma'. Feito este primeiro sacrifício, ser-nos-á então permitido ajudar os outros a alcançar uma felicidade semelhante. Quanto mais estreitamente o homem unir a Deus a sua alma, primeiro, e depois a de outrem, tanto mais favoravelmente será acolhido o seu sacrifício. Mas esta união íntima, generosa e humilde, apenas se alcança pela oração. Dedicar-se, cuidadosamente, ou fazer que os outros se dediquem, à vida de oração, agrada muito mais a Deus do que consagrar-se à acção. Por conseguinte — conclui São Tomás — quando São Gregório afirma que o sacrifício mais agradável a Deus é a salvação das almas, não quer dizer que a vida activa é preferível à contemplação; mas, apenas, que oferecer a Deus uma só alma, Lhe dá infinitamente mais glória, e, a nós, mais méritos, do que apresentar-Lhe o que de mais precioso exista na terra".[14]

A necessidade da vida interior não deve desviar das obras apostólicas as almas generosas, fazendo-as desertar do campo de batalha, com o pretexto de chegar a uma união mais perfeita com Deus. Seria uma ilusão e, em certos casos, a origem de verdadeiros perigos. "Ai de mim — diz São Paulo — se não evangelizar!" (1 Cor 9, 16).

Feita esta ressalva, apressamo-nos a afirmar que consagrar-se alguém à conversão das almas, esquecendo-se de si mesmo, origina uma ilusão mais grave. Deus quer que amemos o próximo como a nós mesmos, mas nunca mais que a nós mesmos, isto é, nunca a ponto de prejudicar a nossa alma, o que, na prática, equivale a exigir mais cuidados com ela do que com a alma alheia. O adágio *Prima sibi charitas*[15] permanece perfeitamente teológico.

"Eu amo Jesus Cristo — dizia Santo Afonso de Ligório — e, por isso mesmo, ardo em desejos de lhe dar almas; antes de mais, a minha, depois, um número incalculável de outras." É o cumprimento do "sê para ti mesmo, em toda a parte",[16] de S. Bernardo, ou ainda: "não é sábio quem o não é consigo mesmo".

O santo abade de Claraval, verdadeiro fenómeno de zelo apostólico, seguia esta ordem. Godofredo, seu secretário, descreve-o assim: "Todo para si mesmo, primeiro, e, assim, todo para os outros".[17]

"Não vos digo — escreve esse mesmo santo ao papa Eugénio III — que coloqueis de parte as ocupações temporais. Exorto-vos, apenas, a que não vos dediqueis, inteiramente, a elas. Se sois o homem de todos, sede-o, também, de vós mesmo. De contrário, de que vos serviria ganhar os outros todos, se viésseis a perder a vossa alma? Reservai, por conseguinte, alguma coisa para vós próprio, e, se todos vêm beber à vossa fonte, vós mesmo não vos priveis de beber nela. Pois, só vós haveis de ficar com sêde? Começai sempre por vos considerar a vós mesmo. Debalde vos consagraríeis a outros cuidados, se chegásseis a tratar a vós mesmo com negligência. Todas as vossas reflexões devem, portanto, começar por vós e terminar da mesma forma. Sede para vós o primeiro e o último, e lembrai-vos que,

no negócio da vossa salvação, ninguém tem maior parentesco convosco do que o filho único da vossa mãe".[18]

Bastante sugestiva a seguinte nota de retiro de Mons. Dupanloup: "Tenho uma actividade terrível, que me arruina a saúde, me perturba a piedade e de nada serve à minha ciência. Isto deve ser regulado. Concedeu-me Deus a graça de reconhecer que a actividade natural e o incitamento das ocupações são os principais obstáculos que vejo em mim para a conservação de uma vida interior, tranquila e frutuosa. Reconheci também que esta falta de vida interior é a origem de todas as minhas faltas, das minhas perturbações, das minhas securas, das minhas repugnâncias, da minha falta de saúde. Resolvi, por conseguinte, dirigir todos os meus esforços para a aquisição dessa vida interior que me falta e, com esse fim, propus, mercê de Deus, os pontos seguintes:

"1° Reservarei sempre algum tempo, além do necessário, para fazer qualquer coisa: este é o meio de nunca ter pressa, nem agitação.

"2° Como tenho, sempre, mais coisas a realizar do que tempo para as fazer, e como esta perspectiva me preocupa e me perturba, não hei-de pensar nas coisas que tenho para fazer, e sim no tempo que devo consagrar-lhes. Hei-de empregar esse tempo sem perder um minuto, começando pelas coisas mais importantes, e, se algumas não puder fazer, nem por isso me hei-de inquietar, etc., etc..."

A muitas safiras, prefere o joalheiro o mínimo fragmento de diamante. Da mesma forma, consoante a ordem estabelecida por Deus, a nossa intimidade com Ele glorifica-O muito mais do que o bem feito por nós a grande número de almas, mas com prejuízo do nosso progresso. O nosso Pai celeste, que mais se aplica ao governo de um coração onde reina, do que ao governo natural de todo o universo e ao governo civil de todos os impérios,[19] exige no nosso zelo essa harmonia. E, se vê que uma obra impede o aumento da caridade na alma que dela se ocupa, prefere às vezes deixar desaparecer essa obra.

Pelo contrário, Satanás não hesita em favorecer êxitos superficiais, caso possa, mediante esse resultado, dificultar o progresso do apóstolo na vida interior, pois o seu ódio advinha onde estão os verdadeiros tesouros aos olhos de Jesus Cristo. Para suprimir um diamante, não se importa de entregar algumas safiras.